

Atletismo: diferentes práticas e diferentes corpos

*André Luis Silva Vieira
EE Fernando Gasparian*

Pedro Xavier Russo Bonetto
EMEF Julio Mesquita

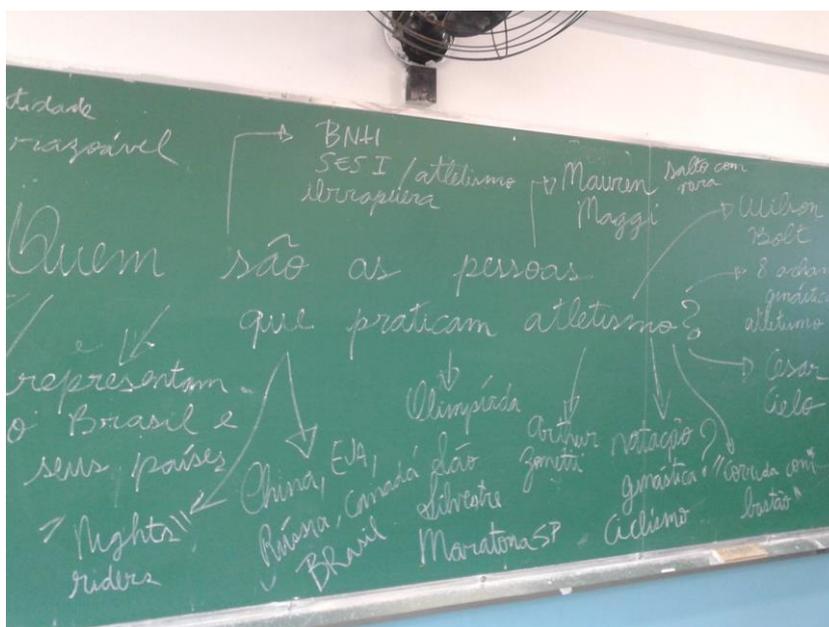
Em 2014, o professor André não esteve com a turma na escolha do tema. O atletismo vinha sendo tematizado por outro professor de Educação Física, mas quando o professor André assumiu as aulas percebeu, por meio da fala dos alunos, que a modalidade havia sido pensada como uma forma de buscar boas virtudes e bons hábitos para a manutenção de um corpo saudável. Ouvindo os alunos sobre suas aprendizagens, questionou o que seriam virtudes e corpo saudável. Responderam que é ser magro, não comer besteira e praticar esportes, mas a respeito das virtudes ninguém disse nada. Recorrendo ao dicionário, o professor André apresentou uma definição: “disposição para o bem, prática do bem, boa qualidade moral e força moral. Logo depois, perguntou para as crianças o que acharam dessa definição, outra vez obteve o silêncio como resposta. O que mais chamou atenção do professor foram as comparações que fizeram uns com os outros, no que se refere ao corpo.

Em 2015, o professor Pedro definiu juntamente com os alunos que estudariam o atletismo, pois a partir de um mapeamento percebeu que as turmas nunca tinham trabalhado com o tema, além disso, quando se referiam aos esportes, citaram apenas aqueles praticados com bolas: futebol, handebol e vôlei. É importante destacar que o professor Pedro já tinha atuado nessas turmas com outras práticas corporais como lutas (jiu-jitsu, judô e muay-thai) e danças (para algumas turmas *hip hop*, e outras, *samba* ou *funk*).

Na turma do professor André, um dos alunos afirmou: “O professor não é saudável, ele é gordo!” A turma ficou eufórica, rindo da situação e a maioria concordou. Preocupado, o professor André pensou em alternativas e modos de realizar a desconstrução das representações de corpo veiculadas pelas crianças. Julgou necessário mostrar-lhes como a cultura influencia os discursos sobre o corpo, produzindo e disseminando um certo padrão. Decidiu naquele momento que a tematização do projeto

de atletismo abarcaria as seguintes questões: *O que é corpo saudável? O que não é corpo saudável? E a cultura, fica onde?*

O professor Pedro também iniciou o projeto na sua escola com uma pergunta: *Quem são os atletas de atletismo?*¹ Os estudantes dispararam: “Quenianos, negões, magros, altos, rápidos, “Wilson Bolt”, jamaicanos, angolanos, africanos, porque não têm muita comida, pernas longas, vida sofrida, bom condicionamento físico, coxa monstra, correr das bombas, raça evoluída, aqueles que representam seus países, os melhores são: China, EUA, Rússia, Canadá, Japão e República Tcheca, Olimpíadas, São Silvestre, maratona, César Cielo, Daiane dos Santos, Arthur Zanetti, corredores, os que fazem natação, ciclismo, atletismo, ginástica”. Também retornaram com indagações: “ginástica é atletismo? e natação? e ciclismo?” O professor registrou as falas na lousa e fotografou-as para arquivar o que tinha sido discutido sobre o tema. Com este mapeamento, pôde identificar quais identidades os estudantes atribuíam aos praticantes de atletismo.



Após algumas aulas de vivências do atletismo, o professor André perguntou se eles lembravam do que haviam falado sobre corpo saudável. O professor foi com a turma para a quadra levando um rolo de papel craft e algumas revistas. Solicitou que recortassem e colassem no papel, os corpos que encontrassem nas revistas por eles considerados saudáveis. O professor também pediu para numerar as imagens, e vendo que as crianças colavam certos tipos de corpos, em geral, magros, altos e brancos, o

¹ Na perspectiva cultural da Educação Física, uma grande preocupação é fazer com que os alunos discutam quem são as pessoas que praticam a manifestação da cultura corporal, a fim de que os sujeitos envolvidos possam reconhecer estas identidades como legítimas, mesmo se estiverem em condições de diferença com seus referenciais culturais.

professor começou a participar da atividade colando imagens de corpos que eles negligenciaram. Algumas crianças foram logo dizendo: “Isso não é saudável!”; e o professor se posicionou: “Deixa aí, hoje é só colar, nas próximas aulas vamos falar sobre...”



Na continuidade do trabalho, o professor Pedro explicou que as práticas corporais podiam ser classificadas quanto às suas características. Descreveu de forma breve as brincadeiras, lutas, ginásticas, danças e esportes. Isso, porque na atividade anterior notou que a maioria dos alunos entendia que tudo era esporte e que ginástica, natação, ciclismo, triathlon e atletismo compunham a mesma modalidade. Após as descrições, os alunos classificaram o atletismo como esporte, uma vez que reconheceram características específicas tais como institucionalização por federações e confederações, praticantes em vários lugares do mundo seguindo regras regulamentadas, existência de competições, público e comercialização de ingressos.

Na aula seguinte, André e seus alunos levaram o papel craft com as imagens coladas para a quadra. Nesta atividade, o professor pediu que associassem os números das imagens, com as questões: Quais corpos são saudáveis? Quais não são saudáveis? Em seguida, pediu para justificarem suas escolhas. De forma geral, as crianças associaram os corpos saudáveis às imagens de modelos e pessoas fazendo atividade física, justificando que modelos têm que estar em forma e fazer dieta. Outros discordaram dizendo que as modelos são muito magras, feias e parecem que não comem direito. A maioria concordou com a ideia da atividade física como forma de saúde. Mas o que mais chamou a atenção do professor foi a fala de uma aluna, que diante da imagem de uma médica disse que: “ela tem que cuidar das pessoas, por este motivo ela tem que ser saudável”.



Prosseguindo com a discussão sobre esporte e a confusão que os alunos fizeram quando afirmaram que ginástica, natação, ciclismo e triátlon eram a mesma coisa, o professor Pedro explicou que apesar de algumas semelhanças, estes constituíam esportes diferentes. Explicou que, de forma geral, a ginástica (referindo-se à ginástica artística) era realizada em ginásios, que possuía alguns aparelhos (cavalo, barras assimétricas, barras paralelas, solo, etc.). Aproveitou para questionar os alunos sobre os nomes mencionados na primeira atividade. Imediatamente lembraram de terem citado Daiane dos Santos e Arthur Zanetti. Sobre a natação, pouco foi preciso para diferenciá-la do atletismo. Um dos alunos disse que “a natação e o atletismo não são as mesmas coisas, uma é na água e a outra na terra, mas nos dois o vencedor é quem chega primeiro”. Dentre os nomes, lembraram da citação do César Cielo, logo, ele foi considerado nadador e não um atleta de atletismo.

Ainda na atividade da análise das imagens coladas, André perguntou para as crianças sobre os corpos que eles não haviam considerado saudáveis. Responderam que eram todas as imagens coladas pelo professor, pois ilustravam um homem bebendo cerveja, alguns gordinhos e idosos. O professor questionou por que não. E o aluno respondeu: “Cerveja não faz bem para saúde e se as pessoas são gordinhas é porque elas só comem besteira”. Diante da resposta, provocou-os novamente: “É mesmo? Quem falou isso para vocês?” Uma aluna o respondeu: “Na TV passa essas coisas”. Professor: “na TV?”. Aluna: “Sim. Minha mãe fala para meu pai - pare de beber cerveja, você está barrigudo”. Ainda incomodado com a naturalização do esporte e corpo atlético como

sinônimo de saúde, o docente questionou: “Se cerveja é ruim e faz mal, por que a seleção brasileira é patrocinada por uma marca de cerveja?” Outra vez, ninguém respondeu.

Buscando promover as atividades de aprofundamento² sobre as provas de atletismo, Pedro perguntou quais conheciam. Disseram: “corrida, corrida de revezamento, corrida de obstáculos, salto com vara, maratona e salto em distância”. Na quadra, o professor propôs a vivência de alguma prova. Os alunos propuseram a corrida de um lado para o outro. O professor percebeu que os alunos trataram a “corrida” como uma única prova, não diferenciando as distâncias. Muitos experimentaram. Não houve nenhum tipo de divisão, até que o professor perguntou: “Como será que funciona a competição de ‘corrida’ no atletismo?” Uma das alunas disse que há provas curtas e maratona. Ela não soube dizer as distâncias, mas afirmou que a maratona era feita na rua e não na pista. Então, o professor desafiou o grupo a elaborarem formas de realizar as provas na escola. Um aluno disse que todos podiam correr de um lado ao outro da quadra de uma só vez, ganhando quem chegasse primeiro. “Será que nos campeonatos acontece a corrida uma vez só, em um único dia, e que ao terminar todos vão embora?” Outra aluna respondeu: “Não professor, nos campeonatos eles fazem baterias, porque é muita gente. Os vencedores vão passando para as próximas etapas como se fossem oitavas, quartas e semifinais”. Neste dia, decidiram experimentar a corrida de atletismo fazendo “baterias” organizadas por grupos de colegas que imaginavam ter mais chance de ganhar ou tentando desafiar os demais.

O professor André, com o intuito de problematizar³ os discursos dos alunos sobre corpo e saúde, elaborou uma apresentação com 25 imagens contendo corpos oriundos de diferentes culturas. Apresentou às crianças pessoas que fazem suspensão corporal, corpos tatuados por inteiro, com implantes subcutâneos e alargadores, tribos africanas que utilizam objetos presos nos lábios e escarificações. Mostrou também fotos de lutadores de sumô, modelos plus size e as mulheres girafas da Tailândia. No momento da discussão, a maioria dos alunos disse que suspensão corporal é “doentio”, “coisa de louco”, apenas um aluno disse o contrário: “se o corpo desta pessoa aguenta ser levantado por ganchos é saudável”. Com relação aos corpos tatuados, as crianças

² O aprofundamento permite conhecer como funciona o poder, como ele configura secretamente as representações e como elabora as percepções que homens e mulheres têm de si próprios e do mundo que os rodeia.

³ Se refere às atividades cujo objetivo é analisar as relações de poder que se entrelaçaram na constituição e manutenção de certos discursos como hegemônicos. A partir dessa concepção, a problematização visa olhar criticamente um dado artefato da cultura, buscando desvelar os vetores de poder e seus efeitos sobre uma dada realidade.

disseram: “a tatuagem no corpo todo é feia e que aquilo não é saudável”. Já as fotos com implantes subcutâneos e alargadores causaram mais discussão, alguns relataram ser “coisa do demônio”; “a pessoa fica igual um monstro, isso não é de Deus, gente”. E o professor retrucou: “Isso é em uma comunidade na África, será que não tem a ver com a religião ou crença desse povo?” “Mesmo assim não é de Deus”. E o professor: “Qual Deus? O seu ou o deles?”, a aluna já irritada disse: “Ah professor, você pergunta muito, faz a gente ficar pensando nessas suas doidices”. A respeito das imagens dos lutadores de sumô discutiram e chegaram à conclusão de que, na cultura deles, quanto mais “gordo” (pesado) e forte, mais saudável. Essa característica corporal ajuda na luta. Sobre as modelos plus size, o professor pediu uma comparação entre elas e aquelas que os alunos haviam recortado das revistas: “Isso não é modelo não”. “Como não? Olhem, ela está em uma revista e na passarela”. Ali o professor percebeu que os alunos, de maneira geral, estavam tomando como referência um padrão do que é ser modelo e assim, operando com uma única verdade. Todavia, um aluno se posicionou: “É sim! Eu vi na TV que existem gordinhas modelo. Outro se manteve irredutível: “Para mim não é”. Por fim, em relação às mulheres girafas, alguns disseram já ter visto na TV, e também acharam “coisa de louco”.

Na turma do professor Pedro, os alunos propuseram continuar com a corrida. O professor, então, sugeriu que fizessem o “revezamento” que fora mencionado quando discutiram as provas. Pediu que os alunos formassem uma maneira de experimentar a corrida de revezamento tal como imaginavam seu funcionamento. Eis que alguns formaram duplas e se posicionaram nos mesmos locais da aula anterior: nas linhas de fundo da quadra. Fizeram uma bateria, depois outra e mais outra. Até que o professor lançou uma pergunta: qual é o nome da prova de revezamento mais famosa do atletismo? Um momento de silêncio persistiu por vários segundos até que uma aluna arriscou: “a prova mais famosa é aquela que tem que entregar os bastões?” E o professor fez que sim com a cabeça. “O nome é revezamento 4 x 100?”, complementou a aluna. E o professor novamente concordou. E a aluna: “Só não sei o porquê deste nome”. Como ninguém soube dizer, o professor explicou: “o número quatro indica a quantidade de atletas que irão se revezar e cem (100) é a distância em metros que cada um deve correr. A soma das distâncias percorridas, neste caso, é uma volta completa na pista, ou seja, quatrocentos (400) metros”. Pedro fez uma segunda pergunta: “Desse modo, como seria o nome da prova de revezamento que fizemos hoje?” Alguns alunos entenderam a questão, mas não sabiam a metragem da quadra. Buscaram uma trena e juntos mediram o comprimento

longitudinal. Assim que descobriram que a quadra tinha aproximadamente 25 metros, disseram que se tratava de um revezamento “2 x 25”. Outro aluno lembrou que oficialmente essa prova não existia e que não era tudo corrida, suas distâncias eram diferentes. Com ajuda do professor, os alunos registraram que as provas de corrida podem ser de velocidade ou curta distância, e de fundo ou longa distância.



Ainda na atividade do professor André, um aluno questionou: “Professor também tem a ver com a cultura?” O docente refez a pergunta: “O que você acha? Isso é cultura?” E o aluno respondeu: “Acho que sim”. André explicou que isso é cultura sim, afirmou ainda que podemos dizer que é a cultura desse povo, e lá as mulheres entendem que quanto maior seu pescoço, mais bonito é. Assim, se tornam elegantes no seu grupo. “Sai fora, só tem coisa doida no mundo”, manifestou-se uma aluna. “Então, é por esse motivo que devemos entender ou conhecer outras culturas, assim não vamos achar que quem não se parece conosco são pessoas doidas, mas sim, diferentes”.

Dando continuidade ao projeto, o professor Pedro perguntou se as provas de corrida que executaram até o momento eram de longa ou curta distância. Disse que era hora de vivenciar outras provas. Um aluno sugeriu que fizessem uma maratona fora da escola, mas como isso não era algo simples de ser feito naquela aula, o professor sugeriu que passassem para as provas de salto. Começaram com o salto em altura, usando um colchão de ginástica e um trilho de cortina. Enquanto uns pulavam, outros seguravam o sarrafo improvisado e mediam a altura com uma régua de madeira. Noutro dia fizeram uma ressignificação da prova de salto em distância, pois como não tinham disponível nenhuma área de areia ou terra na escola, tiveram de saltar aterrissando em colchões.



Duas semanas após a sugestão do aluno, com autorizações e devidamente organizados, vivenciaram as corridas de longa distância na praça em frente à escola. Sabendo que o perímetro é de 1200 metros, o professor sugeriu uma corrida ao redor. Disse para os alunos que poderiam correr na velocidade em que se sentissem mais confortáveis, pois a tentativa era experimentar as provas de corrida de longa distância. Em poucos minutos os alunos já tinham dado uma volta completa e logo resolveram fazer uma competição de três voltas. Avaliando a atividade por meio da fala dos estudantes, o professor Pedro percebeu os alunos haviam compreendido as características das provas de curta e longa distância.



Após de algumas aulas na quadra, o professor André encaminhou a turma para a sala de vídeo, só que desta vez mostrando os diferentes padrões de corpo dos praticantes de atletismo, desde meados do século XIX até os tempos atuais, sempre questionando a ideia do que é e o que não é saudável, e relacionando com a cultura. Nessa aula as crianças puderam perceber que em cada modalidade do atletismo requer um tipo de corpo. “O corpo de quem salta é o mesmo de quem faz o arremesso? Quem corre maratona tem o mesmo corpo de quem corre 100 metros, ou corridas de velocidade?” Antes destas colocações as crianças já tinham visto provas das modalidades citadas.

Após tantas aulas de experimentação e vivência, o professor Pedro levou os estudantes para a sala de aula e, utilizando um computador e um projetor, apresentou cenas de campeonatos de atletismo e suas diferentes provas: arremesso de peso, lançamento de dardo, corrida de 100 metros, corrida de 3000 metros, salto em altura, salto triplo e salto em distância. Durante a assistência, Pedro perguntou aos alunos como eram os corpos dos atletas. Foi muito importante perceber que eles identificavam muitas diferenças nos corpos. Entre atletas de modalidades distintas: os velocistas são fortes, definidos e musculosos e os corredores de fundo são magros, até diferenças produzidas pela especialização em cada prova, tais como o corpo leve e flexível dos saltadores em altura. O professor explicou para os alunos que algumas características eram produto de muito treinamento e que, de forma geral, cada prova exige um corpo que se saia melhor.



Durante as atividades, o professor André perguntou: “Podemos dizer que cada modalidade seja ela do atletismo, ou não, tem a sua cultura e isso faz com que o nosso corpo seja diferente?”. “Professor, ninguém é igual, todo mundo é diferente e cada um tem a sua cultura”. “É mesmo?” “Sim, professor, cada um tem sua cultura”. Então, perguntou para as crianças a razão de terem apontado no início do trabalho o que é corpo saudável e o que não é, já que cada um tem sua cultura, pode-se dizer que o outro não é saudável. Ninguém se manifestou e o professor continuou: “o que aconteceu é que vocês estavam acostumados a ouvir que para ser saudável tem de ser de um determinado jeito - magro, alto, ser modelo, ter certo tipo de corpo -, agora sabemos que as questões de saúde e beleza de um corpo são construções que se dão no âmbito da cultura”. “Outra coisa: agora podemos analisar o que nos leva a falar certas coisas sobre o corpo dos outros e daqueles que não se parecem com a gente”.



Retomando a discussão sobre corpo e esporte de alto rendimento, o professor Pedro apresentou para a turma um conceito bastante conhecido na Filosofia da Educação Física: o “corpo-máquina”. O professor descreveu para os estudantes que se tratava de uma concepção de corpo dicotômica, na qual o corpo era visto por seus componentes. Ou seja, nesta perspectiva: “os órgãos, os músculos, os ossos e os sistemas de forma geral, podem ser analisados de maneira isolada, e o importante é o pleno funcionamento de cada parte. Então como a visão de corpo-máquina busca o alto rendimento, é comum afirmar que se trata de uma concepção muito coerente com o esporte profissional”. Pedro também explicou que certos corpos podem, inclusive, serem “reformados” tal como as máquinas. Podem conter materiais como pinos e parafusos de platina, fios de nylon, próteses de alumínio e fibra, entre outros. Diante disso, a turma ficou bastante confusa, mas propositalmente, o professor já havia selecionado algumas imagens de atletas que não seguiam o padrão de corpo por eles esperado e narrado nas primeiras atividades. Uma das imagens retratava uma corredora com traços indígenas, morena, gorda e tatuada, ao lado de uma atleta loira, magra e com os trajes bem menores. Em outra imagem constava um atleta com as pernas amputadas disputando uma prova de velocidade entre atletas que possuíam as duas pernas. Em outra, atletas fortes, grandes e altos, também amputados e que se apoiavam em próteses presas no chão, disputando uma prova de arremesso de peso. Também apresentou uma imagem de um maratonista magro e deficiente visual junto ao seu guia. Nesses momentos, o professor percebeu o quanto alguns alunos tinham dificuldade em se relacionar com a diferença. Em várias ocasiões, os comentários eram bastante preconceituosos. A pior manifestação aconteceu logo que surgiu uma arremessadora de peso negra, gorda, amputada e alta. Um dos alunos deu uma risada longa e debochada: “Nossa que gorda feia. Que nojo!”. E ele não foi o único. Muitos diziam que se vissem a atleta na rua iriam pessoalmente dizer que ela era muito feia. E que eles não estavam mentindo.

Na aula seguinte, o professor entregou folhas de sulfite para as crianças e pediu que registrassem tudo o que aconteceu nas aulas até a presente data, fizeram uma espécie de linha do tempo. André pensava ter alcançado o objetivo de desconstruir as representações iniciais das crianças, mediante a apresentação de outras possibilidades corporais a partir da cultura. Ledo engano, a turma inseriu outras questões na linha do tempo, relacionando-as à academia, alimentação, prática de esportes, dentre tantos assuntos que não foram discutidas nas aulas.

Ao ouvir as manifestações preconceituosas de alguns alunos, o professor pensou que isso não poderia passar sem discussão e análise. Para tanto, problematizou junto aos alunos os padrões de beleza. Muitos responderam que o corpo belo era “completo”, “sem ser aleijado” e “sem amputações”. Bastante chateado com a forma agressiva com que se referiam à condição de diferença dos atletas, Pedro perguntou se eles sabiam porque nós achávamos bonito um certo tipo de corpo e não outros. Perguntou também se todos ali tinham as características tão valorizadas e cobradas pelos padrões de beleza vigentes. Um aluno afirmou que: “a beleza é natural, é algo que nasce com a pessoa. Ou ela tem, ou ela não tem”. Outro rebateu dizendo que pessoas ricas conseguem ficar bonitas de tanta cirurgia plástica, tratamento de pele, bronzamento artificial e roupas caras. Esse aluno deu como exemplo um cantor sertanejo que afirmou ser uma pessoa feia no início da carreira, mas que agora está bonito. Logo, os demais concordaram, dizendo que ser rico ajuda a seguir os padrões de beleza. O professor concordou, mas tentando não fixar certos discursos apenas pela condição econômica, perguntou se os padrões de beleza eram coisas fixas, rígidas e universais. A partir do que sabiam, alguns alunos perceberam que assim como a moda de vestir-se, os padrões de beleza também se modificam. Uma aluna exemplificou dizendo que agora o padrão de beleza para o corte de cabelo dos meninos chamava-se coroa⁴. Afirmou que no início muita gente achava horrível, que ela já tinha deixado de ficar com um garoto, mesmo estando apaixonada por ele por causa disso, mas que agora, passados alguns meses, ela acha muito bonito. Dando continuidade à discussão, o professor perguntou se eles achavam que no mundo inteiro o corte de cabelo coroa era considerado bonito para os homens. Uma aluna respondeu negativamente. De uma maneira bastante empírica e dialogada, algumas pessoas da turma concluíram que os padrões de beleza não são fixos, pois se modificam com o tempo, e que também não são universais, pois variam conforme a localidade.

Já no fim do semestre, o professor André finalizou o projeto apresentando para as crianças o filme Babies⁵, o qual mostra quatro crianças pequenas de diferentes países (Namíbia, Mongólia, Japão e Estados Unidos), onde é possível perceber como as diferentes culturas influenciam a construção da identidade corporal das crianças do nascimento aos primeiros passos. Nesta atividade, o professor propôs que se

⁴ Com o cabelo raspado na lateral e alto em cima. Disse que alguns tinham também riscas feitas com navalha.

⁵ BABIES. Criado e dirigido por Thomas Balmés. 79 min. 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gZa04bRS8FQ>. Acesso em 16/12/2015.

imaginassem nas situações retratadas e, se assim fosse, perguntou se não seriam diferentes. Durante a discussão, notou em algumas falas a compreensão de que somos sujeitos culturalmente constituídos, e nosso corpo é um aparato cultural, moldado em meio à cultura na qual nos inseridos.

Na aula seguinte, um dos alunos que tinha afirmado que a atleta negra, gorda e grande era nojenta pediu desculpas ao professor Pedro. Disse estar brincando e não a considerava feia. O professor retomou a discussão dizendo que eles não eram obrigados a achar ninguém bonito, apenas devíamos entender como esse processo ocorre. Disse também que atribuir valor estético é algo que aprendemos desde cedo na sociedade, e por conta de tanta mídia e tanta propaganda, somos quase convencidos a adotar somente uma forma estética. Para ilustrar, o professor leu uma reportagem intitulada “Atleta *plus size* posa nua e é capa de revista nos EUA⁶”. Amanda Bingson, atleta americana de arremesso de martelo, falava sobre ter posado nua para uma revista⁷ e dizia-se ciente de sua condição - fora dos padrões de beleza da sociedade -, e que estava feliz por ter sido escolhida para a capa. Nas palavras da atleta: “Densa seria a palavra certa para mim, para me definir. Geralmente quando você olha para atletas, você vê músculos e tudo o mais. Meu braço é apenas meu braço – não é esculpido. Tenho pescoço. Não tenho barriga de tanquinho. Minhas pernas são um pouco tonificadas, mas não estão estourando. Sou apenas densa. Acho que é importante mostrar que atletas existem em todas as formas e tamanhos”.

O professor percebeu que a turma aceitou de forma bastante positiva o que foi lido, e para encerrar a aula, enfatizou que acima de tudo as pessoas que não apresentam as características que compõem os padrões de beleza, vistas como diferentes, devem ser reconhecidas e legitimadas enquanto pessoas de direitos e que sentir nojo ou comentar pejorativamente suas características eram ações bastante preconceituosas. Em outras palavras, exemplificou que uma pessoa não é obrigada a se sentir atraída ou se relacionar afetivamente com a outro, mas deve reconhecê-la em sua condição de diferença, não devendo discriminá-la, muito menos agir com preconceito.

Como avaliação do trabalho desenvolvido o professor André pôde perceber as possibilidades de discutir com as crianças como somos muitas pessoas em uma só, e que com o passar do tempo mudamos e, conseqüentemente, modificamos nossa identidade, com isso a cultura também muda, ou seja, somos sujeitos incompletos, estamos sempre

⁶ Disponível em <https://esportes.yahoo.com/blogs/redacao/atleta-plus-size-posa-nua-e-%C3%A9-capa-de- revista-172228342.html> Acesso em 16/08/2015.

⁷ ESPN Body Issue.

em constante formação, somos fragmentos sociais, ou seja, não se tem uma definição exata do que vem a ser identidade, isso é um fator cultural deste tempo, identificado por alguns pensadores como pós-moderno.

O professor Pedro finalizou o projeto retomando algumas discussões que aconteceram nas primeiras atividades, lembrou que quando perguntados sobre os praticantes de atletismo, muitos alunos responderam: “Quenianos, negros, jamaicanos, haitianos, e que eles eram magros porque não têm muita comida”. “Que corriam bastante por conta de uma vida sofrida”. “Que os africanos eram os melhores no atletismo porque estavam acostumados a correr dos leões ou das bombas”. Lembrou também que um dos alunos tinha falado: “os negros são os melhores nos esportes e são uma raça evoluída”. Muitos alunos riram do assunto, mas o professor Pedro que já tinha pesquisado sobre o tema na época do comentário explicou esse fenômeno via a hipótese cultural. Primeiro com um computador e um projetor, acessou o *ranking* mundial de atletismo. Lá viram que realmente a maioria das melhores marcas anuais e recordes mundiais eram de atletas africanos⁸. Nessa perspectiva, afirma-se que principalmente por conta das características climáticas, inúmeras sociedades africanas são nômades. Ou seja, sobrevivem da caça e da coleta de alimentos do próprio meio ambiente e, com isso, usam seu corpo de forma bastante ativa durante as atividades cotidianas. Como exemplo, descreveu a tarefa de pastorear animais, atividade bastante tradicional de alguns grupos, em que tanto adultos quanto crianças, conduzem a pé, os animais de uma pastagem à outra a quilômetros de distância. Assim, culturalmente, em algumas sociedades africanas, muitas vezes os meios de transporte são deixados em segundo plano e os percursos são realizados caminhando ou mesmo correndo. Os alunos gostaram da hipótese explicada culturalmente, muitos disseram que fazia bastante sentido e que já tinham visto documentários e filmes mostrando crianças percorrendo longas distâncias a pé para irem à escola.

⁸ Principalmente na categoria masculina. Disponível em www.iaaf.org/record/by-category/worldrecords#results-tab-sub=1 Acesso em 16/08/2015.